

Grupo dos Sete não chega a acordo sobre a dívida

04 FEVEREIRO 1990

JORNAL DO BRASIL

Rosental Calmon Alves

Correspondente

WASHINGTON — Os ministros das Finanças e presidentes dos Bancos Centrais dos sete países mais ricos decidiram adiar para o final de março uma decisão sobre as propostas da França e do Japão para aliviar a dívida externa do Terceiro Mundo. Os Estados Unidos não deram indicações de ter mudado de linha no tratamento do problema e insistiram na estratégia atual de renegociação caso a caso.

Os planos apresentados pela França e pelo Japão não foram explicados publicamente, mas as informações disponíveis são de que coincidem no objetivo — dar um alívio aos países endividados. Os japoneses querem, por exemplo, fortalecer o Fundo Monetário Internacional, dando à instituição um papel preponderante na condução da solução da dívida. Os franceses parecem se inclinar mais para a idéia de uma agência nova, ligada ao FMI e ao Banco Mundial, que possa desempenhar esse mesmo papel.

O ministro Tatsuo Murayama disse que, qualquer quer seja a conclusão, o importante continua sendo saber se os bancos comerciais credores dos países pobres aceitam o seu

papel. Eles têm de prover recursos para que os devedores possam voltar a crescer e tenham condições de voltar a pagar a dívida. Os bancos falharam em cumprir sua parte para que funcionasse o esquema apresentado em 1985 pelos Estados Unidos, chamado Plano Baker. De todas formas, disse Murayama, será preciso continuar com o estudo de caso por caso.

O Grupo dos Sete — integrado pelos Estados Unidos, Japão, Grã Bretanha, França, Alemanha Federal, Canadá e Itália — deixou para tomar uma decisão final durante seu próximo encontro, em Washington, de 31 de março a 4 de abril. A reunião coincidirá com a assembléia anual do FMI e do Banco Mundial.

Os ministros deixaram claro que nas 12 horas de discussões, em Washington, houve consenso apenas em relação aos temas mais gerais da economia mundial, como estabilidade do dólar e a necessidade de os Estados Unidos cumprirem sua promessa de reduzir o déficit fiscal. Afirmaram que não houve nenhuma mudança no atual esquema de cooperação entre seus bancos centrais, para manter a cotação do dólar dentro de certos níveis e que tiveram uma "visão positiva" do estado em que se encontra a economia mundial.